

A experiência da presença

Christiane D'AINVAL

[De: *Une Doctrine de la Présence Spirituelle: La Philosophie de Louis Lavelle*, Louvain-Paris, Nauwelaerts, 1967, pp. 33-35. Tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.]

A experiência da presença é comum a todos, mas o primeiro que chega não a obtém em plenitude, mais ocupado que está em preencher a presença “como se ela fosse em si mesma um quadro sem conteúdo”¹ do que em refletir sobre ela. A tarefa do filósofo é justamente esforçar-se para experienciá-la com mais pureza e acuidade e, de vaga que ela era de início, torná-la cada vez mais distinta. Do mesmo modo que o cientista visa a obter experiências mais e mais precisas, o filósofo deve colocar tudo em jogo para obter uma experiência interior cada vez mais fina e completa. “Ainda que a experiência de que se trata seja sempre atual, nota Lavelle, no mais das vezes o é de uma maneira confusa e implícita; ela tende incessantemente a nos escapar; e cabe a nós, precisamente, torná-la distinta e retê-la.”²

A experiência da presença não serve somente de ponto de partida do sistema de Lavelle; ela também o sustenta ao longo de todo o seu desenvolvimento, e é ela ainda, mais sublimada, que constitui o seu coroamento. Seu método reside numa associação contínua entre ela e o raciocínio, um explicando a outra, que lhe traz provas por sua vez, a progressão do raciocínio indo de par com um aprofundamento da experiência, à qual está referido cada elo das “longas cadeias de razões”, segundo a expressão de Descartes. Pois, se essa experiência é una, sua riqueza é insondável – é a “presença total” que ela nos entrega. Lavelle expõe em detalhes esse papel fundamental da experiência da presença: “O próprio do pensamento filosófico, escreve ele, é apegar-se a essa experiência essencial (da presença), afinar-lhe a acuidade, retê-la quando ela está perto de escapar, voltar a ela quando se obscurece e temos necessidade de um limite e de uma pedra de toque, analisar seu conteúdo e mostrar que todas as nossas operações dela dependem, encontram nela a sua fonte, a sua razão de ser e o princípio da sua potência.”³

É difícil isolar essa experiência, para examiná-la na sua pureza: “é preciso uma certa inocência, um espírito liberado de todo interesse e mesmo de toda preocupação particular”⁴. Se a metafísica em si mesma é uma “via estreita”⁵, o caminho que a ela conduz já é laborioso: “E há poucos homens que aceitam galgá-lo. Pois trata-se de abolir tudo o que parece sustentar nossa existência, as coisas

¹ *La Présence Totale*, p. 58.

² *Id.*

³ *Ibid.*, p. 26.

⁴ *Ibid.*

⁵ *De l'Intimité Spirituelle*, pp. 228-245.

visíveis, as imagens e todos os objetos habituais do interesse e do desejo.”⁶ Se a presença é em si mesma uma experiência metafísica, o método que é preciso empregar para analisá-la deve ser ao mesmo tempo, como já notamos antes, psicológico e moral. Poder-se-ia chamá-lo “o método mesmo da filosofia”, declara ele, “um método psicometafísico”⁷. Em outra parte, ele fala de “metamoral”⁸. Pois a busca da verdade exige todo o nosso ser: “a verdade não deve ser somente contemplada, mas desejada e amada”⁹.

Na base de toda filosofia espiritualista, encontramos um período de purificação: Platão pratica a *kathársis* antes de chegar à *theoria*. Descartes lança uma dúvida severa sobre todos os seus conhecimentos. Não espanta, pois, que encontremos em Lavelle tantas advertências contra o divertimento (entendido no sentido pascaliano do termo) que desvia a atenção dos seus objetos essenciais e perturba a “simplicidade do olhar espiritual”¹⁰. “A filosofia, afirma ele, começa no momento em que cessa o divertimento”¹¹.

Nele como em Descartes, o método interessa a um tempo a inteligência e a vontade, mas, ao passo que em Descartes ele apela a esta última no plano intelectual sobretudo, ele a faz intervir também no plano moral, lá onde ela deva lutar contra o amor-próprio, fonte de todas as cegueiras. “É preciso ir à verdade com todas as nossas forças”, dizia Platão. “A verdade não pode jamais penetrar senão numa consciência que dela seja digna”, retoma Lavelle. “Isso é verdade já no conhecimento das coisas materiais. Mas aí basta uma certa aplicação da atenção; quando se trata das coisas espirituais, é preciso ainda uma certa pureza do querer”¹². “Esforço de meditação pessoal e de purificação interior”¹³, isto é, disciplina da atenção e aprofundamento da sinceridade, tais são as diretrizes que resumem a propedêutica psicológica e moral de Lavelle.

⁶ *De l'Acte*, p. 9.

⁷ *De l'Intimité Spirituelle*, p. 138.

⁸ *Ibid.*, p. 61.

⁹ *Morale et Religion*, p. 117.

¹⁰ *L'Erreur de Narcisse*, p. 229.

¹¹ *La Philosophie Française entre les Deux Guerres*, p. 243.

¹² *L'Erreur de Narcisse*, p. 229.

¹³ *De l'Intimité Spirituelle*, p. 169.